

POR RUI AVELAR

ENTREVISTA **ELÍSIO ESTANQUE**

É um dos mais conceituados especialistas em Economia Social, Sindicalismo e Desigualdades Sociais. Para ele, depois do choque da pandemia, é urgente que o poder do Estado seja reforçado para ser um garante dos direitos de todos



**Sociólogo**  
Professor associado (com agregação) da Faculdade de Economia e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

SÉRGIO AZENHA

**O mercado e o dinheiro devem estar ao serviço da comunidade**

**N**ão consegue prever o que aí vem no pós-crise da covid-19 para o mundo do trabalho, mas acredita que uma das maiores necessidades é que as novas gerações ganhem de vez consciência que o poder de reivindicação só se consegue com organização, ação e intervenção pública.

**O ataque ao valor do trabalho, já visto na crise económica e social desencadeada em 2008, vai prosseguir?**

Tem aumentado a concentração de riqueza no topo porque os grandes grupos económicos beneficiam dos ganhos de produtividade das cadeias de valor glo-

bais (componente produtiva) e da importância crescente da economia financeira (componente especulativa e monetária). Os sistemas sociais entraram em recuo face aos interesses do setor privado e o direito do trabalho retrocedeu na proteção e segurança dos trabalhadores. O ataque ao valor do trabalho será sempre o grande objetivo dos interesses privados e do poder económico. Mas a intervenção do Estado na catástrofe que vivemos também pode consciencializar mais as populações e alertar o poder político para o risco de uma total (ou excessiva) dependência do setor privado. Se a partilha de custos é para to-

dos, porque há de a distribuição de dividendos ser só para uma ínfima minoria?

**É provável que, no rescaldo da pandemia, haja aumento da precariedade no emprego e o definhamento dos salários?**

Não se sabe se a tendência atual se irá manter ou não porque também se desconhecem as dimensões da crise económica que se seguirá ao abrandamento e ao controlo da pandemia, nem se sabe quando isso vai ocorrer. Resta às próximas gerações, que supostamente estarão mais preparadas do ponto de vista do conhecimento técnico e socializadas nos tempos da digitalização, despertar no res-

caldo desta tragédia e ganhar consciência de que os direitos e a dignidade só se alcançam com organização, ação e intervenção pública – ou reforçando e renovando os sindicatos atuais ou criando plataformas adequadas às lutas do futuro – para preservar direitos laborais e sociais. Além disso, talvez as formas de organização da vida e da economia venham a alterar-se significativamente, abrindo mais espaço, por exemplo, para a chamada economia solidária ou terceiro setor. Os projetos e as iniciativas de desenvolvimento local, a eficácia de novos modelos de “governança” (com diferentes atores e agentes económicos), o poder partilhado e o funcionamento em rede podem vir a ganhar uma nova dinâmica e assim virar uma página em favor de novos modelos, de uma economia mista, com diferentes opções e que retire poder ao excessivo mercantilismo consumista.

**E a endeusada globalização vai sair reforçada ou enfraquecida com tudo isto?**

Por um lado, o embate desta doença [covid-19] despertou lógicas de fechamento e de medo por parte dos estados. Por outro, sabe-se que a dimensão pandémica – e a rapidez da sua propagação – se deve a vivermos numa sociedade de fluxos constantes, o que retirou eficácia aos esforços de confinamento dos focos de contágio. No entanto, não é de esperar que venha a alterar-se significativamente todo um conjunto de hábitos enraizados, desde há muito, além de que os meios comunicacionais e informacionais que temos ao dispor vão continuar a marcar os nossos estilos de vida. O que pode é haver mais espaço para as “utopias reais”, promovidas por minorias e grupos alternativos, que rejeitam o modo de vida da sociedade de consumo. Haverá, espera-se, mais movimentos de contratendência.

## **E o teletrabalho vai passar a ser a solução ideal?**

Desde a Antiguidade que se conhece a importância incontornável do coletivo para manter o equilíbrio e a segurança do indivíduo. As “necessidades primárias” (a célebre pirâmide de Abraham Maslow: alimentação, segurança, reprodução, proteção contra o risco, etc.) continuam a requerer comunhão, dádiva, integração no grupo para serem asseguradas. O isolamento generalizado, a ideia de uma sociedade atomizada, não faz sentido. Por isso, mesmo admitindo que o teletrabalho vai aumentar, o maior recurso às plataformas digitais na organização dos serviços, as relações sociais e a dinâmica coletiva continuarão a ser realidades imprescindíveis à vida, quer nas empresas

quer na sociedade mais geral.

## **Atividades que incorporam maiores doses de criatividade não vão ressentir-se?**

O indivíduo isolado pode conseguir mais rapidamente encontrar soluções para fórmulas

**“Se a partilha de custos é para todos, porque há de a distribuição de dividendos ser só para uma ínfima minoria?”**

mentais complexas, mas a sua implementação prática exige criação de consensos e divisão de tarefas. Acresce que o contributo do indivíduo com a sua destreza e habilidade na resolução de um problema ou na criação de um instrumento (um bem utilitário, por exemplo), pressupõe retorno da parte dos outros, isto é, o reconhecimento ou deferência obtido da coletividade cumpre uma função social de inserção e de coesão, o que quer dizer que a atividade económica (e mesmo a troca no mercado) não é meramente instrumental e técnica.

## **Está longe o isolamento, certo?**

Como temos assistido nos últimos dias, as necessidades de partilha, as manifestações de solidariedade em diversos países, constituem demonstrações de força do sentido coletivo. Mes-

mo em casa de cada um não se cumpre, em rigor, o isolamento. Mantemos o contacto e a comunidade, ainda que virtual, pode ampliar-se ainda mais.

## **Partilha o ponto de vista de Paul Mason, autor de *Um Futuro Livre e Radioso*, que confia na nossa capacidade de inverter a desumanização ou acha inevitável o neoliberalismo?**

Sim, partilho, no sentido em que as possibilidades históricas permanecem em aberto. Esta tragédia [pandemia] está a sacrificar muitos milhares de vidas, mas é possível que a gravidade da situação ajude a despertar o lado mais humanista e solidário da comunidade global em que vivemos. Para isso, importa que o mercado, o dinheiro e o negócio voltem a estar ao serviço da sociedade e não o inverso. 